

LEITURA E POLITIZAÇÃO DO OPERÁRIO DA INDÚSTRIA CALÇADISTA: UMA REFLEXÃO SOB A ÓTICA DISCURSIVA

Dr^a Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira (Uni-FACEF – Centro Universitário de Franca)

“[..]. o Império não estabelece um centro territorial de poder, nem se baseia em fronteiras ou barreiras fixas. É um aparelho de descentralização e desterritorialização do geral que incorpora gradualmente o mundo inteiro dentro de suas fronteiras abertas e em expansão. O Império administra entidades híbridas, hierarquias flexíveis e permutas plurais por meio de estruturas de comando reguladoras. As distintas cores nacionais do mapa imperialista do mundo se uniram e mesclaram, num arco-íris imperial global.”

Michel Hardt e Antonio Negri

Introdução

O interesse pelo desenvolvimento desta pesquisa ocorreu pela observação feita no meu discurso cotidiano – nas discussões informais da academia, na mídia, na roda de amigos etc - sobre a necessidade de se pensar o desenvolvimento local – no caso, de Franca–SP e região. Verifiquei qual seria uma possível contribuição da área de linguagem para desvelar a formação de operários de indústrias calçadistas. Optei por investigar a leitura que é feita pelos sujeitos-objeto de pesquisa e o respectivo impacto na sua constituição. Outra pesquisa, na mesma área, desenvolvida por uma orientanda, bolsista PIBIC CNPq, trata da formação profissional e pessoal do operário da indústria calçadista de Franca-SP e também é apresentada neste Fórum de Estudos Multidisciplinares. São, assim, estudos complementares. A intenção desse conjunto de investigações é contribuir para compor uma memória, deste tempo e deste espaço, do sujeito-operário da indústria calçadista francana, por meio de uma perspectiva discursiva. Saliento que este texto não apresenta as considerações finais da pesquisa, mas contempla o processo por que passa.

Aqui apresento um esboço das perspectivas teóricas que sustentarão a análise do *corpus* – inicialmente um conjunto de dados obtidos por meio de um

formulário aplicado a trinta e nove operários da indústria calçadista de Franca-SP. Toda a perspectiva teórica contempla debates sobre o discurso. Assim, a princípio, reflete-se sobre a formação de leitores e os diálogos que estabelecem com os matizes espaço-temporais, vertente que é sustentada por uma perspectiva bakhtiniana. Dessa forma, a leitura, no trabalho ora apresentado, não é vista como uma ação de mera decodificação de um texto, mas como ação, inserida nos campos econômico e político, articulada com os valores construídos socialmente. Como a leitura é um ato histórico e social, deve ser uma ação política, conforme preceitos de Paulo Freire. Após as considerações sobre leitura e discurso, são feitas discussões sobre mecanismos de controle do discurso e também sobre as formações discursivas, tratadas por Michel Foucault¹, em que o discurso é o lugar em que *saber e poder* se articulam, sendo relevante se considerar *quem fala, de que lugar fala, para quem fala e de quê fala*. As balizas teóricas permitirão, em uma outra etapa, a análise de um *corpus* composto por trinta e nove formulários, conforme dito anteriormente, que contemplam duas etapas: na primeira, é realizado um levantamento de cunho socioeconômico, que apresenta os sujeitos da pesquisa, e, na segunda, por meio de análise qualitativa, são constituídos indícios que revelam as considerações iniciais da investigação quanto à relação sujeito-leitor operário da indústria calçadista e sua respectiva politização.

Neste artigo, o objetivo é apresentar e descrever os dados iniciais que compõem o *corpus*, para verificar como se constitui o sujeito-leitor, no contexto referenciado, se considerado o aspecto de sua politização, principalmente na área em que atua.

1 Balizas teóricas sobre leitura e discurso

¹ As discussões sobre Foucault, referentes à *Ordem do discurso* e também sobre a *A arqueologia do saber* foram constituídas pela leitura dos textos e por discussões realizadas com a Profª Drª Maria do Rosário V. Gregolin, na realização de disciplinas para integralização de créditos no programa de Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa da UNESP – campus de Araraquara-SP, em 2002..

Nesta discussão, *leitura* é concebida como uma ação impulsionada por uma série de vozes², constituídas num contexto lingüístico-social heterogêneo, ou seja, nos vários âmbitos sociais, nos quais circula um sujeito.

Como a realidade lingüístico-social é heterogênea, nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes. Assim, ele não é entendido como um ente verbalmente uno, mas como um agitado balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques. O mundo interior é, então, uma espécie de microcosmo heteroglótico, constituído a partir da internalização dinâmica e ininterrupta da heteroglossia. Em outros termos, o mundo interior é uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias; e em permanente movimento, já que a interação socioideológica é um contínuo devir (FARACO, 2003, p. 81).

O embate de vozes revela o poder a que se aspira, como parte da própria luta pela sobrevivência. Se, em um outro tempo, era preciso manejar armas rudimentares para garantir a sobrevivência, hoje, é preciso o manejo sutil e astuto de palavras e indivíduos, para garantir o acesso aos mecanismos de controle social.

Para garantir que se atinja os objetivos, no embate dialógico, a atitude discursiva pode contar com o amparo das muitas vozes que constituem a todos. As vozes, de forma ininterrupta e independente dos desejos individuais, desenham o próprio indivíduo e sua leitura do mundo.

Nesse sentido, a *leitura* e todos os movimentos que envolvem a ação exigem interação com o outro, mediada pela palavra, num processo simbólico que lhe confere sentido, pois “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 1996, p. 95). Ao abordar o caráter vivencial, chama-nos atenção o aspecto social da língua, constituída em função do outro em qualquer enunciação.

Freire (1991, p. 20) diz que:

² A noção de vozes é tratada aqui em perspectiva bakhtiniana.

[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

A questão principal tratada por Freire, no tocante à leitura, é a busca constante da formação sujeito enquanto locutor e interlocutor do mundo e de todas as atividades humanas que o constitui. Como ser constituinte do seu meio, o sujeito capacita-se para organizar, mobilizar, politizar-se e promover o bem-estar coletivo.

Entretanto, refletir sobre este movimento é pensar, também, em todas as imposições e controles exercidos pela sociedade, por meio de suas instituições, e que desencadeiam na diversidade de sentidos produzidos nos discursos.

Remetendo a discussões sobre os mecanismos de controle do discurso, Foucault (2001), em *A ordem do discurso*³, afirma que todo discurso é controlado, selecionado, organizado e distribuído. Aponta três grupos de procedimentos que justificam esta afirmação: a exclusão, a sujeição e a rarefação do discurso. Nesta pesquisa, é considerada somente a questão da exclusão, por sustentar a análise do *corpus*. Trata-se de um procedimento externo ao discurso, em que Foucault (2001) enfatiza a *interdição*, caracterizada pela proibição do sujeito de não poder falar tudo em qualquer circunstância, pelo tabu do objeto, ou pelo ritual da circunstância ou ainda por uma exclusividade do sujeito que fala, havendo uma limitação mais acentuada nos campos da sexualidade e da política. De acordo com o autor, as *interdições* revelam ligações do discurso com o desejo e com o poder. Luta-se pelo discurso, pois ele representa aquilo de que se quer apoderar.

³ As discussões feitas sobre a *Ordem do discurso* fazem parte de uma resenha desenvolvida na disciplina *Tópicos de Análise do Discurso I*, ministrada pela Dr^a Maria do Rosário V. Gregolin, em conjunto com os seguintes estudantes: Amâncio de Oliveira Paiva e Marília Achete Junqueira Garcia, no ano de 2002.

Em seguida, Foucault apresenta outro princípio de exclusão: a *separação/rejeição*, discutindo questões de oposição entre a razão e a loucura, usando, para tanto, uma abordagem do discurso do louco, que, na Idade Média, na Europa, era deixado de lado, tido como nulo, rejeitado, pois o louco não tinha a verdade e não podia participar de nenhuma decisão social. *Era através das palavras que se reconhecia o louco*, elas estabeleciam o lugar da separação, da exclusão. O filósofo afirma que, nos dias atuais, talvez, esta exclusão esteja amenizada: o discurso do louco gera *espreita*, em que se busca nele um sentido. Este mecanismo de controle externo do discurso não sustenta a análise do *corpus* da pesquisa, mas é apresentado em razão de ser constituinte dos processos de exclusão, tratados por Foucault (2001).

Por fim, o último princípio de exclusão, *a vontade de verdade*. Percorrendo uma trajetória histórica e ponderando fazer considerações sobre o verdadeiro e o falso, Foucault (2001) afirma que a verdade depende de contingências históricas, institucionais, são arbitrárias e estão em constante deslocamento; veja o exemplo dos poetas gregos do século VI e as mutações científicas. A vontade de verdade

é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído (FOUCAULT, 2001, p. 17 – grifos nossos).

Sendo assim, é possível observar a incidência das instituições no *controle* da busca da verdade no decorrer do tempo.

Estabelecida uma breve discussão sobre os procedimentos externos de controle do discurso, passa-se, a seguir, a considerações sobre os sistemas de dispersões, em que os discursos devem ser vistos como práticas descontínuas, que se cruzam, que se ignoram e se excluem.

Em Foucault (1997), o discurso está relacionado a uma formação de saberes, constituídos não exclusivamente por meio de práticas discursivas. O teórico distingue enunciado – unidade lingüística básica -, de enunciação – que são os jogos enunciativos que singularizam um discurso. Os dizeres e os

fazeres compõem uma determinada formação discursiva que é regida pelos mecanismos de controle, dentre outros, por aqueles tratados anteriormente.

Neste artigo, a proposta é, então, analisar a constituição do discurso do sujeito-operário da indústria calçadista, a partir da leitura que faz de si e do mundo, observando o que lhe é permitido dizer, a partir dos seus fazeres e da autonomia - ou anomia - que profere.

2 Pesquisa de campo

Foi realizada uma pesquisa de campo para verificar a constituição do sujeito-operário da indústria calçadista diante dos aspectos relacionados à sua leitura de mundo e as ações que promove e que impulsionam suas ações por meio da leitura.

A coleta de dados foi realizada por meio de formulário, com auxílio de um pesquisador estudante no período de março e abril de 2008, no horário do almoço dos operários de quatro empresas de grande porte. Considera-se empresa de grande porte aquela que tem mais de 500 empregados conforme o IBGE e SEBRAE (Apud MACHADO NETO, 2006). Cada coleta durou, aproximadamente, 12 a 15 minutos.

As empresas aqui citadas são denominadas A, B, C e D. Foi mantido o anonimato de empresas e operários para garantir maior credibilidade e liberdade de respostas no momento da coleta.

Foram entrevistados 39 operários –“chão de fábrica” , ou seja, operários que trabalham na produção do calçado – para representar a classe operária da indústria calçadista. Esta é uma pesquisa qualitativa, por isso, não é relevante o número de entrevistados, mas o significado/valor que atribuem para o que é questionado.

O formulário foi composto por duas partes: composição de aspectos socioeconômicos dos participantes da pesquisa, e questões específicas da relação operário-trabalho.

Na primeira parte, foram feitas cinco questões e, na segunda parte, dezoito questões. Todas as questões são abertas, o que deu maior liberdade de respostas aos participantes da pesquisa. O preenchimento dos formulários

foi feito pelo pesquisador estudante, que obedeceu à fala do entrevistado de forma literal.

Comentamos, a seguir, os resultados obtidos na primeira parte.

A primeira questão está relacionada à idade dos participantes da pesquisa. A média foi de 32 anos, variando de 21 a 63, conforme pode se observar, na Figura 1, a seguir:

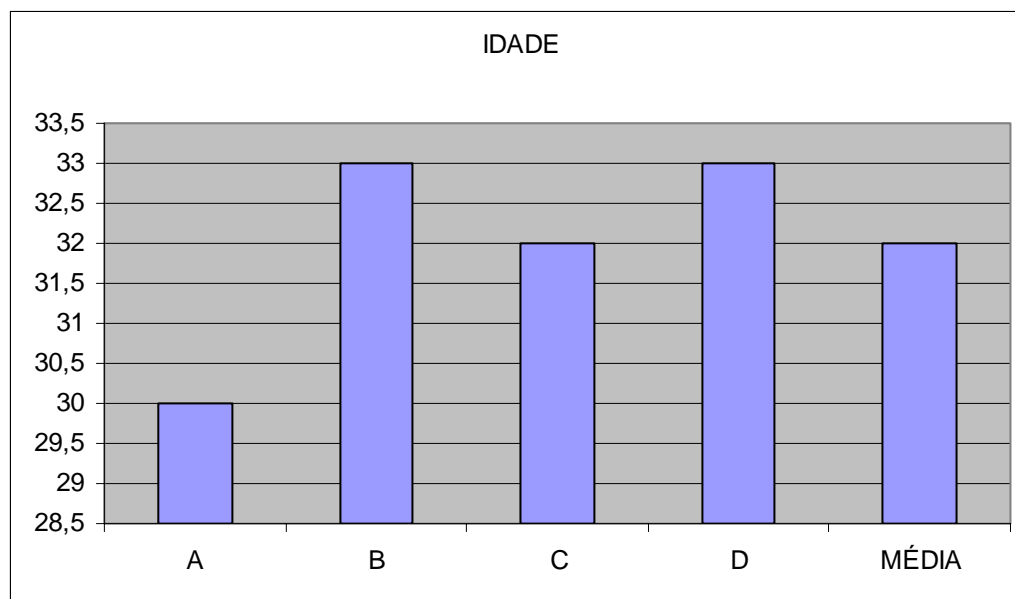


Figura 1 Idade dos respondentes da pesquisa

A diferença de idade para a presente pesquisa é relevante por compor uma amostra variada, o que permite uma análise em perspectiva temporal da relação profissão e área calçadista.

A segunda questão apresenta resultados relativos ao sexo dos participantes da pesquisa: 21 são do sexo masculino e 18 do sexo feminino. A informação sobre o sexo é relevante, uma vez que possibilita a observação de informações, a partir da perspectiva dos dois gêneros.

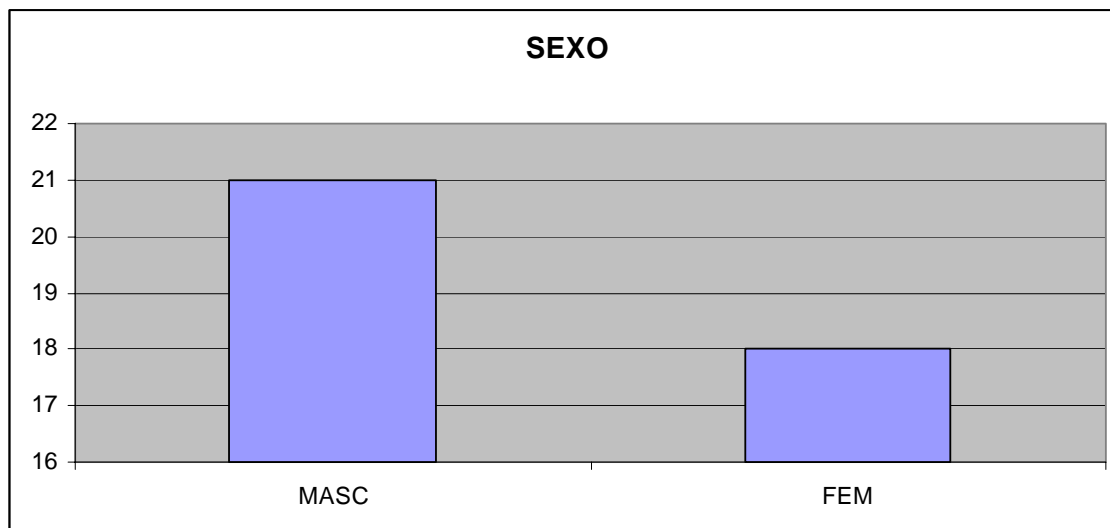


Figura 2 Sexo dos respondentes da pesquisa

A terceira pergunta está relacionada à função exercida pelos participantes na produção das indústrias calçadistas: pespontador, auxiliar geral, almoxarife, cortador, auxiliar de produção de produção, auxiliar de esteira, auxiliar de expedição, chanfrador, montador, embaladeira, separador de peças, dobrador, revisor, colador e coringa. A variedade de funções constrói um universo rico do funcionamento da produção do calçado e uma visão ampliada para a pesquisa ora em desenvolvimento.

A quarta questão relaciona-se há quanto tempo o operário trabalha na indústria calçadista. Os dados são apresentados em anos. Na empresa A, os respondentes apresentaram em média, nove anos e um mês; na empresa B quinze anos; na empresa C doze anos e cinco meses e na empresa D dez anos e dois meses. Constata-se pela idade dos participantes que, praticamente toda sua ativa no trabalho deu-se na indústria calçadista.

Empresa A	9,1 anos
Empresa B	15 anos
Empresa C	12,5 anos
Empresa D	10,2 anos

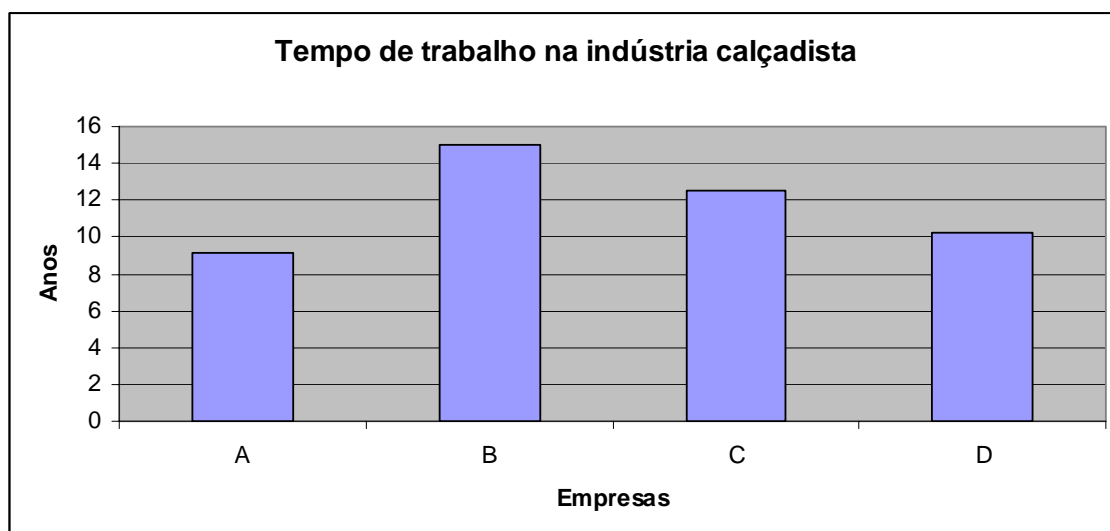


Figura 3 Tempo de trabalho na indústria calçadista

A quinta questão refere-se ao tempo de trabalho na mesma empresa. Esse dado é apresentado em quantidade de meses em que a empresa A apresenta média de dezenove meses, ou seja, um ano e meio; Na B, sessenta e seis meses ou cinco anos e meio; na empresa C, quarenta e um meses ou três anos e quatro meses e na empresa D, vinte e oito meses ou dois anos e três meses.

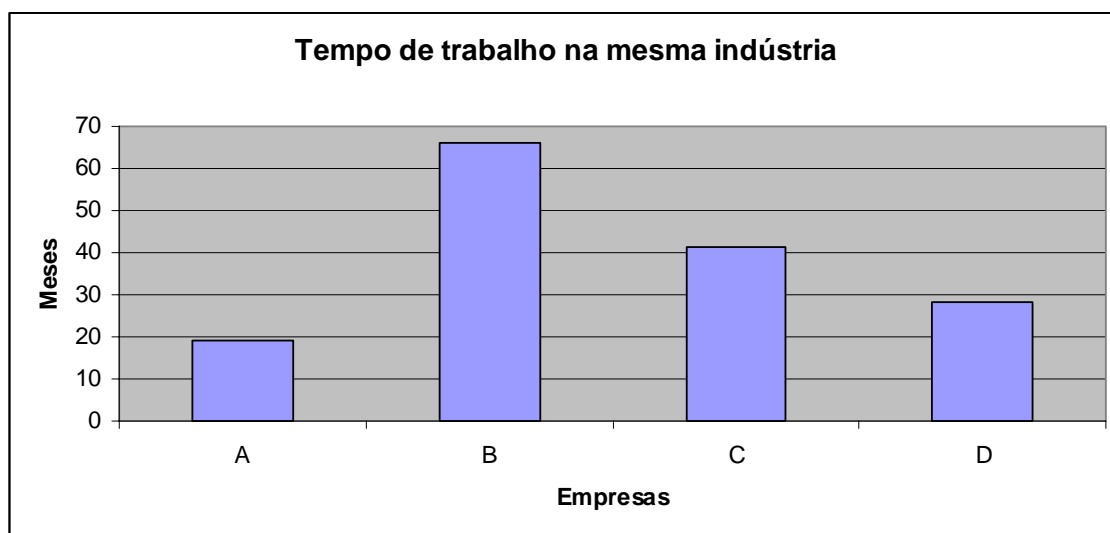


Figura 4 Tempo de trabalho na mesma indústria

Em seguida, apresentamos os resultados da pesquisa referentes às questões específicas da relação operário-leitura.

A primeira questão foi: “A produção de calçados atualmente ainda contempla um aspecto artesanal ou já esta totalmente industrializada? Comente.” Dos trinta e nove respondentes, todos da empresa A, quatro afirmaram que ainda existe um aspecto artesanal, apesar de ter ocorrido uma evolução com o uso das máquinas. 29 respondentes disseram que a indústria calçadista está totalmente industrializada, enfatizando que as máquinas substituíram a mão-de-obra em razão de motivos como: fazem o trabalho de muitas pessoas; tem muitas pessoas desempregadas; a necessidade de produção em série e uso de novas tecnologias; exigências de qualificação de mão-de-obra; rapidez e qualidade. Por fim, 6 respondentes disseram que existe o diálogo entre o aspecto artesanal e o serviço industrializado, pois, ainda existem funções que exigem o toque humano. Salienta-se que os quatro respondentes que afirmaram que ainda há o trabalho artesanal ocupam funções essencialmente manuais como a de: auxiliar de esteira, auxiliar de almoxarifado, coringa e pespontador.

Na segunda questão, “Na produção de calçados, existe um espírito de colaboração entre os colegas de trabalho ou se trata simplesmente de um agrupamento de pessoas que fazem a produção concretizar? Explique:” um respondente afirmou que existe articulação entre colaboração e agrupamento de pessoas. Dezesesseis respondentes afirmaram que no trabalho existe simplesmente um agrupamento de pessoas, pois o operário tem medo de perder o emprego para o outro. Afirmam ainda que: “muita gente só pensa em si”; “[...] ninguém pensa em ajudar o próximo”. Por fim, 22 respondentes disseram que há colaboração porque para produzir o calçado é preciso o serviço de todos, o que envolve questões relacionadas à amizade, ao respeito e ao comprometimento com o produto final.

Na questão terceira: “As máquinas mais modernas e as novas tecnologias tiraram o trabalho do operário da indústria calçadista ou exigiram dele mais capacitação? Explique.”, um respondente negou-se a responder. Quatro respondentes, de empresas diversas, disseram que as máquinas e as novas tecnologias substituíram a mão-de-obra operária e também exigiram dele uma maior capacitação. Dezoito respondentes afirmaram que há necessidade de maior capacitação, atentando para o fato de que se não houver uma adaptação à nova situação, o operário não tem mercado de trabalho.

Constata-se, assim, que a capacitação é premissa para a continuidade no mercado de trabalho. Os vinte outros respondentes afirmaram que as máquinas substituíram o trabalho humano, pois exigiram um número bem menor de operários para manuseá-las: “[...] enquanto tínhamos 3 pessoas fazendo um serviço, hoje temos apenas 1, para controlar a máquina”.

Na quarta questão: “Você é/está qualificado para exercer sua função? Se sim, como se preparou? Se não, como deveria se preparar? O que é um operário da indústria calçadista preparado?”, todas as respostas foram afirmativas, ou seja, todos os respondentes afirmaram estar qualificados para exercer a função que exercem. Vinte e sete deles disseram que nunca fizeram cursos específicos da área e que aprenderam “na prática”, com colegas ou familiares. Doze respondentes disseram que fizeram cursos no SENAI ou cursos oferecidos pelas empresas. Todos os respondentes disseram que a prática é que faz a diferença na formação do operário.

Na questão quinta: “Você faz leituras da área calçadista? Freqüenta algum curso profissionalizante?”, dois respondentes afirmaram que fazem leitura. Um deles afirma que gosta de estar atualizado, outro diz que lê revistas sobre calçados, mas não revela quais. Nove respondentes afirmam que, às vezes, lêem textos indicados por professores de cursinhos pré-vestibulares ou de ensino médio que ainda freqüentam – nada muito específico da área calçadista. Desses respondentes, somente um diz ler o “Boletim do Sindicato” (referindo-se ao Sindicato dos Sapateiros). Por fim, vinte e oito respondentes foram categóricos em afirmar que não fazem leitura da área calçadista e tampouco freqüentam cursos profissionalizantes. As respostas confirmam os resultados da pergunta anterior, no sentido de que a formação do operário calçadista se faz essencialmente na prática.

Na sexta questão: “O que você gosta de ler?”, os respondentes disseram que lêem *revistas, o jornal “O Comércio da Franca”, livros, sobre futebol (mas não cita o suporte de texto), romances, jornais, sobre histórias de amor, aventuras, tudo ligado a informações, livros de suspense, livros religiosos, livros espíritas, notícias na Internet, Bíblia, livros de auto-ajuda (Toque de Midas), sobre esportes, livros de ação, livros de mecânica, ciência*. Dois respondentes afirmaram que não gostam de ler e outro disse que não tem o hábito de ler.

Na sétima questão: “Você é filiado a algum sindicato?”

Se sim, participa das reuniões? Recebe algum boletim? Lê o boletim? Geralmente, quais os assuntos que estes boletins trazem?

Se não, recebe algum boletim? Lê o boletim? Geralmente, quais os assuntos que estes boletins trazem?

Dezenove respondentes afirmaram que são filiados ao Sindicato dos Sapateiros e recebem Boletim Informativo. Dos dezenove, um afirma participar das reuniões do Sindicato, outros dois participam às vezes. A leitura dos boletins também ocorre esporadicamente e os assuntos tratados são: *aumento salarial, lazer, abono escolar, melhorias das condições de trabalho, direitos dos operários e crise na indústria calçadista*. Um respondente afirma que “[...] os boletins são sempre a mesma coisa”.

Vinte respondentes afirmam que não são filiados a sindicato algum. Dizem que recebem o Boletim do Sindicato dos Sapateiros, na porta das empresas, mas que raramente o lêem. Sobre os assuntos que lêem, observamos uma repetição dos resultados apresentados no parágrafo anterior.

Na questão oito, “Quais os tipos de leitura que você fez na escola? Lembra-se de livros que leu? Quais? Lembra-se de algum episódio que te chamou a atenção?”, temos respostas bastante amplas, como:

“[...] lia sobre saúde”

“Livros”

“livro de português, ciência”

“[...] Dom Casmurro, por causa da traição, dúvida, as brigas”

“Apostilas e livros”

“Não me lembro”

“Português e ciência, mas não me lembro de nada específico”

“Livros: Dom Casmurro”

“Livros exigidos pelos professores”

“Livros, mas não me lembro de nenhum”

“Livros de literatura, mas não me lembro nada sobre eles”

“Não me recordo de nenhum, mas lia livros de romance, suspense”

“Lia livros de literatura, lembro do Dom Casmurro, porque odiei o jeito que a professora perguntou sobre ele e tive que ler de novo pra fazer outra prova”

“Livros infantis, leitura obrigatória, Pinóquio”

“Lembro do Triste Fim de Policarpo Quaresma, um cara revoltado com a política, me marcou muito”

“Na escola, eu gostava de ler muito sobre o descobrimento do Brasil, portanto lembro de toda história”

“Romances, aventuras. Iracema, Moreninha, vários outros todos me marcaram pela história de amor”

“Não lembro de nada no momento”

“Literatura. Gostei muito do Pequeno Príncipe”

“Lia Machado de Assis, mas não lembro de nenhuma parte, porque eu lia por obrigação”

“Não me lembro de nenhuma no momento”

“Gibi. Gostava da turma da Mônica”

“Lia muitos livros, mas não me lembro de nenhum momento”

“Vários livros de literatura, mas no momento não me lembro de nenhum”

“Livros de ação e ficção, no momento não me lembro de nenhum episódio”

“Livros, textos, mas não lembro de nenhum”

“Literatura, Agatha Christie”

“Livros sobre as matérias”

“Livros e notícias – lembro de um acidente que teve em São Paulo no jornal”

Na questão nona: “Você fez algum curso profissionalizante? O que você leu para se formar? Comente.”, um participante da pesquisa não respondeu. Vinte respondentes disseram que não fizeram curso profissionalizante algum, e que o que sabem aprenderam na prática. Dezoito respondentes afirmaram que fizeram curso profissionalizante ou no SENAI ou na própria empresa em que atuam. Foram citados os seguintes cursos: corte, liderança e relacionamento pessoal, manutenção de máquinas e pesponto, montagem e acabamento de calçados, telecomunicações, segurança, secretariado, computação. Observamos, pelas respostas, que alguns cursos não se articulam diretamente com a área calçadista.

Na questão dez: “Você lê jornal? Qual/quais? Que parte você mais gosta? Por quê?”, cinco participantes da pesquisa responderam que não lêem

jornais. Três respondentes disseram que lêem jornais locais e também a *Folha de São Paulo* e o jornal *O Estado de São Paulo*. Dois respondentes lêem os jornais locais. Três respondentes lêem o jornal local *Diário da Franca*. Vinte e seis respondentes afirmaram ler o jornal *O Comércio da Franca*, destacando os seguintes assuntos como preferidos: esportes, classificados, resumos de novela e assuntos gerais.

Na questão onze: “Você tem acesso à Internet ? Onde? O que busca de rede? Que tipo de leitura você faz na Internet? O que você sabe fazer em um computador: digitar um texto, bater papo, Orkut, MSN?”, vinte e quatro respondentes não têm acesso à Internet. Sete acessam a Internet de casa e oito de Cybers. Os respondentes que acessam a Internet buscam os seguintes assuntos citados: Gospel, informações gerais, pesquisa sobre folclore e Tiradentes, concursos, fofocas de novelas e famosos, extratos bancários e musculação.

Na questão doze: “Você tem uma religião? Participa com que freqüência dos cultos religiosos? Faz leitura da área? Que tipo de material você lê? É uma leitura espontânea ou indicada por um líder religioso?”, há dois espíritas, que fazem leituras espontâneas e são freqüentadores dos cultos. São cinco evangélicos, que fazem leituras espontâneas e também da Bíblia, por indicação de um líder religioso e são freqüentadores de cultos. Um respondente afirmou não ter religião. Trinta e dois respondentes afirmaram ser católicos. Deles, a maioria, 18, fazem leitura espontânea e são freqüentadores assíduos. Ainda 13 deles não são praticantes da religião.

Na questão treze, “Você lê revistas? Quais? O que gosta de ler nelas?”, vinte respondentes não lêem revistas. Dezenove participantes disseram ler revistas, citaram: revista da área calçadista – não especificou qual -, *Veja*, *Contigo*, *Isto É*, *Noivo e Noivas*, *Quatro Rodas*, *Tititi*, *Caras*, *Época*.

Na questão catorze: “Você pertence a alguma associação ou clube? Como é sua participação?”, trinta e cinco respondentes afirmaram não pertencer a associações ou clubes. Os quatro participantes seguintes disseram freqüentar, nos finais de semana, os seguintes clubes: Castelinho, Sindicato dos Sapateiros, SESI e Águas do Vale.

Na questão quinze: “Você é membro de algum partido político ou tem simpatia por algum? Comente.”, trinta respondentes disseram não terem um

partido político, afirmando que não gostam de política e alguns disseram ainda que odeiam. Cinco participantes não são membros de partido algum, mas disseram que tinham uma simpatia pelo PT e, neste momento, não têm mais, pois se decepcionaram com o Partido. Dois respondentes não são vinculados a partidos, mas se interessam por política e se informam sobre ela, pela mídia. Dois respondentes disseram ser simpatizantes, um do PMDB e outro, do Partido Verde. Enfim, nenhum respondente é filiado a partido político ou tem atividade político-partidária.

Na questão dezesseis: “Há crise na indústria calçadista? Se sim, qual o motivo da crise? E, mesmo com toda a crise no setor calçadista, ainda vale a pena ser operário de sua indústria? O que falta para que a indústria calçadista volte a ter sucesso? Se não, por que há tanta gente desempregada?”, trinta e quatro respondentes afirmaram que há crise na indústria calçadista, pelos seguintes motivos: aumento de impostos, falta de qualificação profissional, queda do dólar, concorrência chinesa, aumento de salário, mudanças econômicas e queda nas exportações. Um respondente disse que não vale a pena continuar na área calçadista. Cinco participantes não acreditam que exista crise na área calçadista.

Na questão dezessete: “O operário da indústria calçadista é qualificado ou precisa se qualificar ainda mais?”, nove respondentes disseram que já são qualificados, um disse que *mais ou menos* e vinte e nove afirmam que ainda precisam melhorar.

Na questão dezoito: “O operário da indústria calçadista é bem remunerado? Comente.”, três respondentes disseram que *sim*, um respondeu que disse que depende da função e trinta e cinco participantes afirmaram que a remuneração não é razoável.

Considerações

Retomando o objetivo principal deste artigo que é apresentar os dados coletados junto a operários de indústrias calçadistas de grande porte de Franca – SP e tecer constatações iniciais sobre sua formação e politização, pode-se afirmar que não há descontentamento com a área em que os operários atuam. Todos os respondentes, mesmo apontando problemas como crise e baixa

remuneração, em momento algum, demonstraram iniciativa no sentido de mudança de área.

Correlacionando idade e tempo de trabalho na indústria calçadista, observa-se que, pelo menos, um terço da vida ativa do operário acontece na indústria calçadista. Também se pôde constatar que a rotatividade não é significativa, o que indica que a indústria se interessa por funcionários que, com ela, mantêm um compromisso temporal. Uma via de duas mãos. Talvez porque a formação do operário se faz no cotidiano, nas práticas do dia-a-dia, junto a colegas de trabalho. A formação é mais rápida e focada, por um lado, e mais acessível e barata, por outro.

Os valores veiculados pelo discurso das novas tecnologias, como a velocidade, a modernidade, a substituição da mão-de-obra amedrontam o operário da indústria calçadista. Este medo é explicitado nas falas sobre desemprego, redução do número de operários na produção de calçados e a adoção de máquinas modernas.

O operário da indústria calçadista não tem o hábito de leitura, não faz cursos de formação. Às vezes, faz leitura de jornais e revistas que trazem o discurso da mídia sobre questões contemporâneas. Por isso, constitui-se, como sujeito, pelos valores veiculados pela mídia, assumindo o fato como verdade.

Não há, como se pôde verificar, a construção de conhecimento na área específica em que atua. O operário lembra-se de leituras obrigatórias,- durante sua formação, nos níveis fundamental e médio - em sua maioria, solicitadas pelo professor de Língua Portuguesa ou Literatura, focadas, principalmente, em Machado de Assis. Leituras feitas para realização de provas ou exames. A leitura, nesse sentido, não sustenta uma ação, não transforma, não produz autonomia.

O fato da maioria dos respondentes afirmar que são filiados ao Sindicato dos Sapateiros, mas “odeiam” política e que desprezam os assuntos que são tratados e discutidos por aquela entidade sindical, soma-se ao não hábito da leitura e permite que afirmemos que o operário da indústria calçadista se auto-exclui da comunidade em que vive: é apolítico e se silencia. Não possui recursos para intervir no seu tempo e no seu espaço. Deixa sua história ser escrita por outros. Não apresenta uma motivação intrínseca, uma perspectiva

para buscar uma participação mais efetiva nas atividades humanas. Não se pode afirmar se esta situação se constitui por iniciativa própria ou por outras dificuldades externas a ele. Esta investigação fica para uma próxima pesquisa.

Referências

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N.. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

FARACO, C. A.. *Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001. (Leituras Filosóficas).

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. em três artigos que se completam. 25. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

MACHADO NETO, *Os determinantes do comportamento exportador da indústria calçadista francana*. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo (Tese de Doutorado), 2006. 274 p.